XIV CONGRESSO INTERNACIONAL DAS JORNADAS DE EDUCAÇÃO HISTÓRICA

EDUCAÇÃO HISTÓRICA: DEBATES CONTEMPORÂNEOS

REPENSAR A APRENDIZAGEM HISTÓRICA A PARTIR DOS FILMES: ANÁLISE DA COMPREENSÃO HISTÓRICA DOS JOVENS A PARTIR DA CONCEPÇÃO DE AUMENTO DAS EXPERIÊNCIAS NO DESENVOLVIMENTO DA CONSCIÊNCIA HISTÓRICA

Éder Cristiano de Souza

Docente – UNILA-Univ. Fed. da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu-PR
Lattes: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4113249U6>

E-mail: eder.souza@unila.edu.br

RESUMO

Investigar a cognição histórica dos jovens a partir dos filmes “Triunfo da Vontade”, “A Queda! As últimas horas de Hitler” e “O Pianista” foi o trabalho de minha tese de doutorado (SOUZA, 2014). Diversas questões se mostraram complexas para análise e, por isso, as contribuições da investigação foram divididas em quatro tópicos temáticos. O presente texto tem por intuito apresentar um desses temas, que consiste em evidenciar como, no estudo da aprendizagem histórica situada (SCHMIDT & BARCA, 2009), a noção de qualificação da experiência histórica precisa ser diferenciada de um entendimento superficial, segundo o qual os estímulos audiovisuais potencializariam a aprendizagem, pois essa noção não leva em consideração que tal relação é interpelada pelos fatores mobilizadores da consciência histórica, que possibilitam determinadas apreensões complexas e raciocínios sofisticados, mas também limitam outras apreensões possíveis. Distinguir entre a assimilação de uma ampla gama de informações a partir dos potenciais da linguagem fílmica, e o efetivo aumento das experiências dos sujeitos no âmbito da consciência histórica (RÜSEN, 2012), é um grande desafio, devido às várias nuances que inibem a demarcação de uma linha divisória. Tal movimento só se torna possível levando em conta fatores mobilizadores da consciência histórica, bem como a relação com as *protonarrativas* dos sujeitos. Na análise do material empírico, ficou claro o direcionamento do olhar dos jovens para três pontos específicos das obras fílmicas assistidas, o que possibilitou a percepção de uma relação complexa e conflituosa entre conhecimentos prévios, questões suscitadas pelos filmes e problemáticas levantadas no decorrer das discussões em Grupo Focal. Esses pontos foram definidos como questões, que intrigaram os jovens em suas ideias sobre o nazismo: 1. Qual a real dimensão do papel de Hitler na história do nazismo e houve algo positivo em sua trajetória? 2. O nazismo é apenas sinônimo de maldade e crueldade? 3. Qual foi o papel do povo alemão como agente histórico do nazismo? Essas questões nasceram da articulação entre as *protonarrativas* dos sujeitos e as contribuições dos filmes. No decorrer desta apresentação essas articulações serão esclarecidas.

PALAVRAS-CHAVE: Cognição histórica situada; Aumento das experiências; Nazismo; Consciência Histórica.

XIV CONGRESSO INTERNACIONAL DAS JORNADAS DE EDUCAÇÃO HISTÓRICA

EDUCAÇÃO HISTÓRICA: DEBATES CONTEMPORÂNEOS

APRESENTAÇÃO

Educação Histórica é uma linha de estudos que vêm se consolidando no Brasil há pouco mais de uma década. Seus primeiros trabalhos foram influenciados pelas pesquisas realizadas na Inglaterra sob a coordenação de Peter Lee e Rosalyn Ashby (1993) principalmente a partir da divulgação dos projetos 13-16 e *Chata*. Em tais estudos, pesquisadores ingleses objetivaram investigar a possibilidade de crianças e jovens aprenderem não somente conteúdos da história, que denominam conceitos substantivos, mas também categorias específicas da produção do conhecimento histórico, chamadas de conceitos de segunda ordem.

A influência dessas pesquisas foi fundamental porque permitiu romper com ideias tradicionalmente aceitas, dentre elas a de que aprender História é acumular informações sobre o passado, e também que níveis de complexidade do conhecimento ensinado se vinculam diretamente a etapas de desenvolvimento cognitivo (SCHMIDT & BARCA, 2009).

As pesquisas na Inglaterra mostraram como crianças e jovens, ao aprenderem História recorrendo ao trabalho com fontes históricas e artefatos culturais, por exemplo, podem reorganizar suas ideias de forma complexa, raciocinando sobre conceitos como evidência histórica e empatia histórica, que não seriam possíveis a partir de um ensino focado simplesmente na ideia de se *contar o que passou* (LEE, 2006; ASHBY, 2006).

Tais estudos, desenvolvidos pelos ingleses a partir da década de 1970, chegaram ao Brasil através do contato e do trabalho em parceria da pesquisadora brasileira Maria Auxiliadora Schmidt, da UFPR, com a pesquisadora portuguesa Isabel Barca, da Universidade do Minho, a partir do ano de 2003. Desde então, a denominação Educação Histórica, que se inspira no termo History Education, utilizado pelos ingleses, vem se consolidando e ganhando força com uma dupla identificação.

Educação Histórica é um campo de estudos que se diferencia dos anteriores, voltados ao ensino de História, especialmente por focar suas pesquisas na aprendizagem histórica e não somente nos métodos de ensino. E caracteriza-se por defender uma ideia nova do relacionamento

XIV CONGRESSO INTERNACIONAL DAS JORNADAS DE EDUCAÇÃO HISTÓRICA

EDUCAÇÃO HISTÓRICA: DEBATES CONTEMPORÂNEOS

com o conhecimento histórico, na escola e vida dos indivíduos, na qual seja possível que os sujeitos se orientem no tempo, constituindo racionalmente suas identidades históricas e o agir sociocultural e político que vivenciam.

O distanciamento das pesquisas que se fundamentam nas ideias de desenvolvimento cognitivo advindas de teorias do campo da psicologia torna possível um referencial analítico fundamentado na epistemologia do conhecimento histórico. Tal abordagem tem como ideia-chave que é possível distinguir uma cognição propriamente histórica, que, segundo o teórico alemão Jörn Rüsen (2010; 2012), diz respeito a um trabalho de rememoração da consciência histórica, ou seja, mobilização de ideias e perspectivas a partir das quais o sujeito se situa no fluxo temporal, entendendo-se inserido num mundo histórico, e construindo sua identidade e seu agir a partir desse processo de aprendizagem.

A tese de doutorado que defendi no PPGE-UFPR trouxe resultados de uma investigação sobre cognição histórica, que teve como objetivo compreender como jovens estudantes aprendem história a partir de filmes. Foram selecionadas três produções cinematográficas que abordavam o conceito histórico Nazismo, que os jovens assistiram, e depois desenvolvida a metodologia do Grupo Focal, através da qual puderam debater sobre a temática e expressar as ideias mobilizadas no decorrer da atividade.

Onze estudantes, entre 16 e 19 anos de idade, do terceiro ano do Ensino Médio, participaram da pesquisa. Os filmes “Triunfo da Vontade”, “A Queda! As últimas horas de Hitler” e “O Pianista” foram selecionados por se tratarem de obras com grande difusão e complexidade técnica e artística, além de representarem pontos de vista divergentes sobre o conceito histórico em questão.

Quatro categorias conceituais foram tomadas como foco para análise dos dados empíricos: intencionalidade; objetividade; aumento das experiências; e multiperspectividade. Em cada uma dessas categorias foi necessário desenvolver um debate teórico específico, bem como realizar análises dos dados que visavam articular as questões teóricas com os resultados da pesquisa.

XIV CONGRESSO INTERNACIONAL DAS JORNADAS DE EDUCAÇÃO HISTÓRICA

EDUCAÇÃO HISTÓRICA: DEBATES CONTEMPORÂNEOS

No presente texto serão apresentadas análises a partir de uma dessas categorias conceituais, o “aumento das experiências” na aprendizagem histórica, a partir do referencial teórico de Jörn Rüsen (2012), numa busca por compreender como a linguagem fílmica possibilita a aprendizagem histórica situada. O intuito é esclarecer como essa aprendizagem se dá de uma forma mais complexa do que simplesmente pelo estímulo audiovisual possibilitado pelos filmes.

1. REPENSAR O CONCEITO DE APRENDIZAGEM HISTÓRICA A PARTIR DOS FILMES

A forma específica de tratar a aprendizagem histórica a partir dos filmes aqui utilizada nasce de uma conceituação de Jörn Rüsen (2012), quando define a aprendizagem histórica a partir do desenvolvimento da narrativa, e articula essa narrativa em três pontos: experiência, interpretação e orientação. Nesse sentido, a aprendizagem histórica é substantiva, ou seja, refere-se não somente ao desenvolvimento de raciocínios vinculados à natureza da interpretação/explicação histórica, como trabalharam os pesquisadores ingleses, mas também à forma como os conteúdos específicos são apreendidos pelos sujeitos.

As abordagens recorrentes sobre o trabalho com os filmes no ensino da História, se direcionam no sentido de conceber a aprendizagem histórica como uma ampliação da memória sobre os feitos históricos, ou então o desenvolvimento de competências de análise fílmica, a partir do confronto com dados históricos. O que aqui se propõe é distinto de tais concepções, especialmente pela opção de centralizar a abordagem nos sujeitos que aprendem, e entender que a aprendizagem histórica se relaciona a um conjunto de referências maior do que a relação entre filmes e conhecimento. Partiu-se, então, da seguinte hipótese: **a mobilização de novos significados para as experiências contidas na memória histórica dos sujeitos é o primeiro passo da aprendizagem histórica.**

Segundo Rüsen (2012), a atribuição de novos significados à experiência temporal dos indivíduos parte de uma pressão presente, e não é qualquer conteúdo sobre o passado que levará a uma aprendizagem propriamente histórica. Tal aprendizagem é mobilizada por aqueles conteúdos ligados às experiências do presente, à realidade dos sujeitos e à interpretação desta a

XIV CONGRESSO INTERNACIONAL DAS JORNADAS DE EDUCAÇÃO HISTÓRICA

EDUCAÇÃO HISTÓRICA: DEBATES CONTEMPORÂNEOS

partir de perspectivas históricas. Investigar a aprendizagem se trata então de analisar o desenvolvimento da consciência histórica como um processo no qual o sujeito mobiliza novas concepções, amplia sua compreensão da experiência temporal e se torna apto a argumentar sobre sua interpretação daquela experiência e sobre a orientação dela derivada.

A partir da conceituação de cultura histórica (RÜSEN, 1994) é possível entender que há um papel ativo da memória histórica na vida pública, que limita e direciona os potenciais de racionalidade do pensamento histórico na vida humana prática. E os filmes são entendidos como componentes ativos da indústria cultural que agem na cultura histórica, contribuindo para a estruturação das ideias históricas dos sujeitos.

Rüsen (1994) compreende que há uma unidade de consciência estruturada pela cultura histórica, na qual as estratégias científicas, as formas de criação artística, a educação e a luta pelo poder são dotadas de significado para a constituição da consciência histórica. Nessa “unidade global da memória histórica” ocorrem processos de legitimação, de crítica, de ensino, entretenimento e rememoração, que tomam os feitos do passado como base para a fundamentação das estratégias estéticas, políticas e cognitivas relacionadas a esses usos públicos da memória.

Ao constituir uma memória histórica, ou seja, um arcabouço estruturado de narrativas que possibilitem a organização mental da existência temporal humana, o sujeito se percebe inserido num mundo histórico, que o precede e ultrapassa, e pode dar significado a essa sua presença, ou seja, essa memória histórica se integra a sua memória pessoal. As narrativas, ou histórias que são contadas aos sujeitos, lhes possibilitam um superar constante de suas próprias concepções individualistas e auto referenciadas de mundo, possibilitando a ampliação do horizonte cognitivo, a partir do reconhecimento do outro e dos vínculos que os conectam à sociedade e à humanidade.

Quando uma narrativa é ouvida, ou vista, ou lida, e percebida como histórica, ela é qualificada, uma vez que pode integrar-se ao conjunto das memórias que operam na consciência histórica. Essa concepção permite entender que os filmes, ao serem assimilados pelos jovens como

XIV CONGRESSO INTERNACIONAL DAS JORNADAS DE EDUCAÇÃO HISTÓRICA

EDUCAÇÃO HISTÓRICA: DEBATES CONTEMPORÂNEOS

narrativas históricas, e ainda qualificados como fontes, têm um caráter relevante para a aprendizagem histórica. Tal caráter vai muito além do fato de se dizer que os filmes transmitem determinados conteúdos históricos com maior dinamismo, ou que a linguagem fílmica mobiliza processos cognitivos mais complexos, estimulando a sensibilidade ou a memória dos indivíduos. Esse caráter diz respeito à forma como determinados filmes se articulam à cultura histórica, com a qual os sujeitos se relacionam e a partir da qual elaboram seus processos de rememoração histórica. Esse potencial de rememoração tem a ver, especialmente, com a dimensão estética da cultura histórica.

Rüsen (2007) chama de coerência estética o processo através do qual as narrativas interpelam os sujeitos, fazendo maior sentido e agindo no seu convencimento em relação à validade das histórias narradas. Os artifícios da linguagem fílmica, como os efeitos de ambiência, os quadros, a coloração, a sonorização e a atuação dos protagonistas, estimulam os sentidos, afloram sensações e despertam sentimentos de empatia e/ou antipatia, pois são componentes que possibilitam às obras cinematográficas cativar o espectador e conduzi-lo a uma operação cognitiva que mescla razão e emoção, possibilitando a elaboração de ideias complexas a partir desse processo comunicacional.

Contudo os efeitos da linguagem, que atraem e sensibilizam espectadores de todas as idades, e em especial aos jovens, que tendem a vivenciar mais intensamente a experiência fílmica, não podem ser tomados de forma simplista como mobilizadores de operações da consciência histórica. A mobilização da consciência histórica envolve o relacionamento com as *protonarrativas* que os sujeitos articulam na construção de suas identidades e de seu agir, que são base da memória histórica por eles partilhada.

Entrevê-se uma situação de conflito, uma vez que é recorrente o apelo das obras cinematográficas a artifícios estéticos que, deliberadamente, contrapõem-se a uma validação intersubjetiva da História, e se focam na dimensão subjetiva do processo de rememoração. Esses artifícios geralmente estão inseridos em escolhas de autores, diretores e atores, e muitas vezes

XIV CONGRESSO INTERNACIONAL DAS JORNADAS DE EDUCAÇÃO HISTÓRICA

EDUCAÇÃO HISTÓRICA: DEBATES CONTEMPORÂNEOS

estão presentes de forma muito sutil na obra fílmica, passando despercebidos por grande parte do público.

Nesse caso, a percepção sensitiva que a linguagem fílmica possibilita no processo de ampliação das experiências históricas dos sujeitos pode ficar prejudicada, quando seus fatores estéticos se sobrepõem aos cognitivos.

A força imaginativa, aliada à consciência da experiência histórica, estrutura a finalidade da função estética da consciência histórica: recuperar o que há de novo no passado, ou seja, fazer vivo o passado renascido pela rememoração histórica no presente. A imaginação histórica só supera a ficcionalidade quando o sentido do real concretiza as forças da consciência com “algo realmente presente”. Com a construção histórica de sentido, iniciada pela imaginação, o passado é transformado em realidade presente, com sentido e significado, com direção e valores. (FRONZA, 2012: 184)

Tendo em conta essas considerações sobre o potencial estético da linguagem fílmica, que interpela a imaginação dos sujeitos, e os riscos de se estimular a imaginação sem um direcionamento consciente com base em critérios de racionalidade fundamentados na epistemologia do conhecimento histórico, é possível fundamentar a análise dos resultados do estudo empírico realizado. Trata-se de observar em que medida se pode falar numa qualificação da experiência histórica dos sujeitos, a partir da forma como os filmes e o debate coletivo possibilitaram aos jovens articularem suas ideias prévias com as novas concepções e percepções surgidas nesse processo; e como essas operações mentais direcionaram os processos de recepção fílmica e de reorganização da memória histórica.

2. AUMENTO DAS EXPERIÊNCIAS: DA QUALIFICAÇÃO DA PLAUSIBILIDADE DAS NARRATIVAS À COMPLEXIFICAÇÃO DA COMPREENSÃO HISTÓRICA POR PARTE DOS JOVENS

Em um estudo sobre a cognição histórica dos jovens a partir das histórias em quadrinhos, Fronza (2012: 111) evidencia como há uma potencialização das ideias históricas a partir do fator estético que aquela linguagem manifesta na comunicação da história para os sujeitos. Esse fator

XIV CONGRESSO INTERNACIONAL DAS JORNADAS DE EDUCAÇÃO HISTÓRICA

EDUCAÇÃO HISTÓRICA: DEBATES CONTEMPORÂNEOS

estético não pode ser reduzido à noção de *ficcionalização* do passado, uma vez que há uma complexificação e sofisticação de ideias históricas no âmbito da epistemologia do conhecimento histórico, e com isso avanços no sentido da formação de padrões coerentes de formulação de narrativas históricas. Segundo esse mesmo pesquisador é a plausibilidade das narrativas gráficas que contribui para essa potencialização das ideias históricas.

A plausibilidade, definida pelos jovens a partir da relação que estabelecem entre o que o filme comunica e suas concepções prévias, tende a ser desafiada e tornada mais complexa, de acordo com os questionamentos que surgem, e com a manifestação de distintos pontos de vista. Dessa forma, o primeiro fator destacado no processo de qualificação da experiência histórica dos sujeitos a partir dos filmes foi a inserção de **limites de plausibilidade**, a partir dos quais determinados temas se destacaram por se relacionarem diretamente às concepções prévias dos estudantes e provocarem mudanças qualitativas na forma como mobilizavam ideias históricas.

Esses padrões não estanques de plausibilidade também direcionaram a reelaboração da experiência histórica, uma vez que determinados pontos foram ignorados ou simplesmente não levados em consideração pelos jovens, pois não se adequaram aos seus esquemas de plausibilidade. Uma grande apreensão de informações e sentidos a partir dos filmes foi filtrada por fatores relacionados às suas experiências individuais e coletivas com o conhecimento histórico.

Nesse sentido, a noção de qualificação da experiência histórica precisa ser diferenciada do entendimento superficial, segundo o qual os estímulos audiovisuais potencializariam a aprendizagem, pois essa noção não leva em consideração que tal relação é interpelada pelos fatores mobilizadores da consciência histórica, que possibilitam determinadas apreensões complexas e raciocínios sofisticados, mas também limitam outras apreensões possíveis.

Distinguir entre a assimilação de uma ampla gama de informações a partir dos potenciais da linguagem fílmica, e o efetivo aumento das experiências dos sujeitos no âmbito da consciência histórica, é um grande desafio, devido às várias nuances que inibem a demarcação de uma linha divisória clara. Porém, essa distinção é fundamental. Tal movimento só se torna possível levando

XIV CONGRESSO INTERNACIONAL DAS JORNADAS DE EDUCAÇÃO HISTÓRICA

EDUCAÇÃO HISTÓRICA: DEBATES CONTEMPORÂNEOS

em conta os diversos fatores mobilizadores da consciência histórica, bem como a relação com as *protonarrativas* dos sujeitos.

Na análise do material empírico produzido a partir do GF, ficou claro o direcionamento do olhar dos jovens para três pontos específicos das obras fílmicas assistidas, o que possibilitou a percepção de uma relação complexa e conflituosa entre ideias prévias*, questões suscitadas pelos filmes e problemáticas levantadas no decorrer das discussões. Esses pontos foram definidos como questões, que intrigaram os jovens em suas ideias sobre o nazismo: **1.** Qual a real dimensão do papel de Hitler na história do nazismo e houve algo positivo em sua trajetória? **2.** O nazismo é apenas sinônimo de maldade e crueldade? **3.** Qual foi o papel do povo alemão como agentes históricos do nazismo? Essas questões nascem da articulação entre as *protonarrativas* dos sujeitos e as contribuições trazidas pelos filmes assistidos. No decorrer da análise essas articulações serão esclarecidas.

Desde o início das discussões no GF, a complexificação dos argumentos dos jovens foi notável, revelando que, assistir aos filmes foi um exercício que ampliou o arsenal de referências dos alunos. O protagonismo da figura de Hitler para o regime nazista foi o primeiro grande tema, a partir do qual se pode observar esse aumento das experiências. Para analisar esse ponto, é interessante partir das respostas dos jovens sobre o que foi mais marcante para eles após terem assistido ao filme “O triunfo da vontade”:

Joseph** : *Manipulação e alienação, eu pude perceber que, naquelas reuniões que eles faziam lá, que aquelas pessoas, aqueles jovens, o que o Hitler falava lá parece que alienava, que manipulava os jovens, que as ideias dele mexiam com os jovens, **que os jovens não sabem muito bem o que querem da vida, ele meio que manipulava a cabeça deles.***

Sophia: *Então, eu coloquei no meu aqui o lado organizado, Hitler tipo humanitário, mostrando assim é, quando ele chegava naquelas passeatas lá apertando a mão das*

* Optou-se por não trazer à tona o levantamento completo das ideias prévias dos jovens, devido às limitações deste texto. Esses dados estão publicados no texto completo da tese.

** Os nomes dos alunos são fictícios, a fim de preservar a identidade dos jovens. Tais nomes foram escolhidos por eles próprios.

XIV CONGRESSO INTERNACIONAL DAS JORNADAS DE EDUCAÇÃO HISTÓRICA

EDUCAÇÃO HISTÓRICA: DEBATES CONTEMPORÂNEOS

peças, recebendo um buquê de flores, da mãe com um bebê, e a idolatria, uma forma de idolatria mesmo que o povo tinha para ele, porque todo mundo “nossa!”, mostrava o pessoal assim com um sorriso, então pra mim o objetivo do filme era mostrar que Hitler era, “nossa!”, não tinha, colocando assim, defeitos assim.

As falas dos jovens revelam esse conflito cognitivo. Duas personagens históricas se destacam no primeiro filme: Hitler e o povo alemão. O primeiro, que inicialmente era tido como ditador cruel, passa a ser visto como um ídolo, um herói, um ícone histórico. Já o povo, que antes sequer era mencionado, agora assume é objeto de preocupação para os jovens, que tentam compreender que papel os alemães tiveram no nazismo. Veja-se trechos da discussão:

Mr. Roberto: *Eu acho que a argumentação dele (Hitler) foi fundamental para influenciar o povo a seguir o seu regime de governo, por isso que eu coloquei que ele era inteligente, ele era “inteligentíssimo!”, porque ele tinha uma argumentação muito boa, a argumentação dele convencia, a argumentação dele fazia com que os alemães sentissem um gosto assim de superioridade, então acho que a argumentação dele é “fantástica!”.*

Nélio: *[...] uma grande revolução de Hitler para a Alemanha;*

Moderador: *Você acha que o Hitler estava transformando a Alemanha, o filme mostra isso para você?*

Nélio: *Acho que é isso.*

Moderador: *E essa transformação é para melhor ou para pior, quem tem alguma ideia?*

Marcio: *Seria uma ideia inovadora, tipo assim, todo mundo buscar o mesmo caminho.*

As falas de Mr. Roberto, Nélio e Marcio deixam clara a ideia chave na compreensão do primeiro filme: a concepção do nazismo como um fenômeno histórico ímpar, que transformou a Alemanha a partir do protagonismo de Hitler, como grande líder das massas. Isso representou um aumento das experiências históricas, mas ainda vinculado a um reforço de padrões pré-concebidos, assimilados no âmbito da cultura histórica. Mas essa mesma centralidade de Hitler, ainda no primeiro filme, também revelou novas dimensões do passado para os jovens:

Moderador: *Esse filme trouxe alguma coisa de novo para vocês?*

XIV CONGRESSO INTERNACIONAL DAS JORNADAS DE EDUCAÇÃO HISTÓRICA

EDUCAÇÃO HISTÓRICA: DEBATES CONTEMPORÂNEOS

Sophia: Para mim trouxe, porque eu sempre achava que Hitler era uma pessoa mais dura, mais séria, e ali mostrou assim um lado mais bom né, nesse caso, parecia que as pessoas achavam ele mais intocável, mas ele mesmo ia e tocava nas pessoas.

Joseph: Eu concordo com ela porque eu também não pensava assim de Hitler, nos filmes que eu assisti não mostrava explícito isso, e no filme ali parece que o Hitler era uma pessoa mais humanista, mais próxima do povo, quer mostrar isso.

Katherine: Com o passar do tempo a sociedade foi julgando ele como vilão, a gente parando para analisar a gente percebe que a história tem dois lados, ele não é totalmente um vilão, não sei, não posso me colocar no lugar, mas a história tem dois lados, que no fundo não foi só o que aconteceu, mas tem algo por trás ali.

As falas dos jovens revelam o aumento das experiências no sentido da percepção de algo novo sobre o passado. E no caso de Katherine, ela ainda deixou explícito um raciocínio que vincula essa nova experiência a um repensar da história num âmbito epistemológico, dando os primeiros indícios de um processo de ressignificação da história como um passado fixo e monoperspectivado.

Ao reconhecer o outro na História, no caso os alemães como agentes históricos, os jovens ampliaram seus próprios referenciais históricos, no sentido de entender aquelas pessoas a partir de seus próprios pontos de vista, ou seja, ao enxergar a História como palco de atuação dos sujeitos, cada um em seu espaço e tempo. Abre-se então a possibilidade de dar novos significados à própria identidade, reconhecendo-se também como agente histórico. Tal concepção aflorou já no debate do primeiro filme:

Moderador: O que seria esse algo por trás?(Além de um olhar negativo do nazismo)

Katherine: Foi um regime, a organização que trouxe, era um regime, não era bom, mas também não era ruim, olha a organização que eles tinham, o movimento que eles faziam. Mas, por outro lado também eles destruíam muitos e muitos países.

Mr. Roberto: Ele queria o melhor para o povo dele, o povo da Alemanha.

XIV CONGRESSO INTERNACIONAL DAS JORNADAS DE EDUCAÇÃO HISTÓRICA

EDUCAÇÃO HISTÓRICA: DEBATES CONTEMPORÂNEOS

Sophia: *É, a questão é que eles já tinham sofrido aquele negócio lá da Primeira Guerra, o povo estava um pouco mais fragilizado, daí aquilo serviu para animar mais eles, acho que até por isso ele teve mais poderes nessa persuasão que ele teve com as pessoas, ele fala assim a não, vocês são superiores, vocês não vão perder.*

Mr. Roberto: *Ele estava tentando levantar a Alemanha, porque a Alemanha já tinha passado pela Primeira Guerra Mundial, então a sociedade ela estava meio quebrada né!, então ele estava tentando reerguer a Alemanha, reestruturar a sociedade da Alemanha.*

Não é simplesmente aceitar ou rejeitar o nazismo que está em questão, mas o debate surgiu a partir do tensionamento das ideias prévias, quando os jovens passaram da simples ideia de assimilação do nazismo como símbolo de maldade, para sua compreensão como uma ideologia específica de um povo em uma época.

Mesmo a figura de Hitler tendo se mantido em todas as discussões como central para se pensar o nazismo, desde o momento em que os jovens assistiram ao primeiro filme sua relação com essa experiência histórica foi qualificada a partir da entrada em cena do povo alemão como personagem importante dessa história. A percepção das intenções e ações dos sujeitos diante daquele fenômeno histórico vivido na Alemanha da década de 1930, pode ser considerada uma complexificação qualitativa importante na forma como tais jovens passaram a lidar com esse conhecimento.

Percebe-se então, com a discussão suscitada a partir do primeiro filme, que os jovens estudantes passaram a duvidar de suas próprias ideias, que vinculavam o regime nazista à ideia simplista de crueldade e irracionalidade. Os projetos, valores e sentimentos envolvidos assaram a ser considerados como pontos de reflexão, sem com isso terem se deixado levar pela propaganda nazista implícita na obra fílmica. Veja-se mais um trecho do debate:

Moderador: *[Essa] história pode ter um olhar diferente, ser olhada de outro jeito, como algo bom?*

Katherine: *Eu acho que tudo bem, que o fato da organização, da união deles, tudo que eles fizeram, mas são todos fatos supérfluos perto do que foi o nazismo, de toda destruição, que nem você não tem como colocar na balança os dois valores,*

XIV CONGRESSO INTERNACIONAL DAS JORNADAS DE EDUCAÇÃO HISTÓRICA

EDUCAÇÃO HISTÓRICA: DEBATES CONTEMPORÂNEOS

porque a parte do lado ruim prevalece sobre a parte do bom, eu acho que o lado bom do nazismo é muito fraco perto do que aconteceu.

Monique: *Não justifica né! Claro né professor, porque imagina, quanto judeu morreu por causa dele, das ideias dele.*

Laura: *Porque o nazismo, os alemães lá eles gostavam muito do país deles, então eles acabavam prejudicando os outros países, que eles entravam em conflito; era bom só para eles, que viviam no nazismo;*

Marcio: *Então, eles tentaram fazer uma superação do que tinha acontecido, no caso na Primeira Guerra.*

Nesse caso, os jovens tentam ampliar os pontos de vista e perceber como o nazismo representou algo importante para os alemães da época, mas isso não anula a ideia de que aquela experiência chegou a resultados catastróficos. Por isso, a força da propaganda implícita no filme de Riefenstahl, que funcionaria na década de 1930, já não tem o mesmo efeito para esses jovens no século XXI, influenciados por toda a imagem negativa construída a respeito da memória do regime nazista.

O reconhecimento da alteridade do passado é reforçado pela possibilidade de distinção entre nós, nesse caso os jovens no presente, e os outros, representados pelos alemães em suas práticas de aceitação do regime nazista. Ressalta-se novamente a noção central de que não é o filme em si que mobiliza uma aprendizagem histórica complexa por parte desses jovens, mas como a obra dialoga com as ideias prévias, e como os valores e sentimentos desses estudantes são mobilizados diante de situações que provoquem ideias conflitantes.

Os filmes representaram ganhos cognitivos com relação à temática em estudo, não apenas no sentido quantitativo, mas também qualitativo. Quando os jovens lidam com uma fonte, como o documentário alemão produzido em 1935, tal obra representa mais do que um acréscimo de informação histórica aos seus repertórios prévios, pois a consciência histórica não consiste num conjunto de informações, mas numa forma de se lidar com o passado a partir de como ele dá sentido ao mundo presente.

XIV CONGRESSO INTERNACIONAL DAS JORNADAS DE EDUCAÇÃO HISTÓRICA

EDUCAÇÃO HISTÓRICA: DEBATES CONTEMPORÂNEOS

Os jovens ampliaram seu arcabouço de referências históricas, ao se colocarem diante do desafio de interpretar historicamente as narrativas fílmicas, incluindo sujeitos e situações anteriormente não imaginadas. As tentativas de qualificar historicamente e demarcar o perfil dos nazistas, como sujeitos de outro espaço/tempo que cometiam ações estranhas, foram uma tônica no processo de aprendizagem dos jovens.

Inicialmente o nazismo era pensado a partir de um modelo esquemático, no qual a História se concebia como uma fórmula pronta, e as condições objetivas de crise e trauma teriam levado o povo a atitudes de barbárie e irracionalidade. A superação desse pensamento esquemático simplista por um pensamento mais complexo, mesmo que ainda esquemático, que reconhece a subjetividade dos atores, ainda que desqualificados por uma diferença temporal na qual se pensa que os indivíduos de hoje são melhores que os de ontem, é um movimento complexo de cognição histórica

TABELA 01 – AUMENTO DAS EXPERIÊNCIAS A PARTIR DO FILME “O TRIUNFO DA VONTADE”

Filme “O triunfo da vontade”		
Ideias prévias	Reforço das concepções	Aumento das experiências
Trajectoria condenável e protagonismo de Hitler	Grande capacidade de liderar	Um Hitler mais humano Hitler foi bom para os alemães Não era totalmente um vilão, a história o julgou
Ausência do povo alemão	Não houve	Alienação, idolatria, ilusão coletiva, sentimento de superioridade, luta pela superação das próprias fraquezas
Nazismo como maldade	Não pode ser justificado	Organização exemplar Revolução para a Alemanha Proximidade entre o líder e o povo

FONTE: “Estudo Final”, Acervo do pesquisador (SOUZA, 2014).

Percebe-se então como as ideias históricas dos jovens entram em diálogo com o filme e eles reconstroem suas ideias, sem necessariamente abandonar os argumentos preestabelecidos. A centralidade de Hitler como personagem histórica, que já fazia parte das preocupações desses jovens, foi reforçada pela própria natureza do filme assistido, visto que “O triunfo da vontade” foi

efetivamente uma obra carregada de estratégias artísticas voltadas à valorização da imagem desta personagem.

3. AUMENTO DAS EXPERIÊNCIAS: A COMPLEXIFICAÇÃO DA APRENDIZAGEM A PARTIR DO CONFRONTO DE PERSPECTIVAS

Os pontos assinalados como preponderantes no aumento das experiências dos jovens sobre o nazismo pode ser sintetizado em três temas relevantes: **1.** O reforço da concepção de **heroísmo**, a partir da compreensão que um líder arregimenta a população; **2.** A preocupação com a real dimensão da **participação coletiva** nos processos decisórios; **3.** A perspectivação do **conceito de maldade** a partir de sua contextualização na dimensão cultural e temporal.

É possível afirmar que houve uma qualificação da compreensão dos jovens sobre a experiência histórica do nazismo, especialmente quando revelam uma preocupação com o envolvimento dos cidadãos comuns com a ideologia Nazista. A questão que ficou em aberto no primeiro filme, e constituiu-se como uma primeira grande indagação para os jovens, foi saber se o apoio popular ao regime nazista era fruto de uma espécie de ilusão coletiva manipulada pela autoridade, ou se era reflexo dos sentimentos populares diante da situação vivida pelo país na época.

O debate surgiu a partir da já ressaltada relação entre aquilo que o filme trouxe de novo e o que os jovens já conheciam sobre o regime Nazista. Essa relação entre Hitler e o povo se complexificou mais no debate após o segundo filme:

Moderador: *Ficaram com dúvidas?*

Anne: *O que o Hitler tinha na mão? [...] (Tremedeira da mão de Hitler chamou sua atenção) porque eu ficava assim: "O que ele está fazendo meu Deus?"*

Moderador: *Isso para você muda alguma coisa da imagem que você tinha do Hitler antes?*

Anne: *Ah... que ele não é tão intocável, sei lá... que ele também é humano e também pode pegar doenças.*

XIV CONGRESSO INTERNACIONAL DAS JORNADAS DE EDUCAÇÃO HISTÓRICA

EDUCAÇÃO HISTÓRICA: DEBATES CONTEMPORÂNEOS

O breve trecho acima retratado revela a preocupação da jovem Anne sobre como a imagem de Hitler como um ser humano frágil, doente e decrépito, muito presente no filme “A Queda!”, traz uma nova visão da liderança de Hitler. A partir desse filme, ocorrem questionamentos ao protagonismo de Hitler para a história do nazismo, enquanto o povo alemão ascende como agente central dessa mesma história. Isso fica claro em outro momento do debate:

Moderador: *Então a Katherine falou, e depois os outros concordaram, eu não sei se concordaram, que um filme complementa o outro. E eu queria perguntar, complementa ou traz algo a mais? Uma ideia diferente, uma compreensão diferente?*

Joseph: *Traz algo a mais, porque no primeiro filme mostra que o nazismo era algo ótimo, maravilhoso, daí nesse outro filme mostra mais a realidade, na visão da secretária dele, talvez não seja tudo verdade, mas na maioria das cenas a secretária viu, então acho que mostra o que ela viu realmente.*

Mr. Roberto: *Acho que naquele momento ali Hitler já começou a agir só por si mesmo, o poder subiu na cabeça dele e ele queria porque queria dominar o mundo de qualquer forma, e a partir dali ele já não pensava mais no povo, em querer uma Alemanha melhor.*

Sophia: *Ele estava direcionando muito mais para ele, não aquele povo... No começo era a ideia assim que ele passava, mas depois ele começou a dizer “Ai, porque eu tinha a Europa toda nas minhas mãos, agora não tenho mais nada, estou sendo traído”.*

Mr. Roberto: *Ele estava lutando contra o mundo, não tem como, não poderia ter como ele ganhar... Uma hora ou outra ele ia perder, não adianta.*

Moderador: *E como ela via o Hitler?*

Fernanda: *Eu acho que ela via ele como uma pessoa boa, não ruim, porque ela quis ficar do lado dele o tempo todo, até o fim da guerra, então eu acho que ela via ele como uma pessoa boa.*

Mr. Roberto: *É, como ela era alemã também não é. Daí foi mais pessoas, eles estavam alienados por ele não é.*

XIV CONGRESSO INTERNACIONAL DAS JORNADAS DE EDUCAÇÃO HISTÓRICA

EDUCAÇÃO HISTÓRICA: DEBATES CONTEMPORÂNEOS

Nesse momento, percebe-se como possibilidade de interpelação das próprias ideias, a partir do que o filme trazia de novo, fez com que os jovens criassem questões novas e se tornou possível uma ampliação do arsenal argumentativo e reflexivo desses sujeitos sobre a História. Pode-se, então, retomar a discussão sobre a recepção filmica, de que há uma seleção de conteúdos filmicos a ser assimilados pelos espectadores, e que tal seleção depende de um repertório cultural. Fica claro novamente como há uma relação estreita com as ideias históricas inicialmente manifestadas, mas há também um processo de aprendizagem no qual um novo filme e uma nova discussão ampliam os horizontes dessa aprendizagem, tornando possível surgirem questões novas.

O segundo filme trouxe à tona uma nova discussão, pensar Hitler como uma figura mais humana, com erros e acertos, e também repensar o papel dos cidadãos alemães em relação à manutenção do regime nazista.

Moderador: Se vocês fossem escolher uma cena, qual é a cena mais marcante?

Sophia: Para mim foi a cena em que ele falou assim que os civis também deviam morrer porque antes ele sempre valorizava o povo alemão, aí na hora em que teve aquele ataque histórico lá, ele falou assim “não, eles também têm que morrer, porque eles são fracos, porque eles estavam mostrando traição”. Meio que ele fantasiava na cabeça dele, porque enquanto as pessoas estavam sofrendo, e ele ainda culpava eles.

Joseph: Eu também achei que é o que ela falou ali, que também ele idolatrava o povo, que nem, a raça alemã que eles diziam, e no final ele dizia que eles tinham que morrer, ficou contraditório com o que eu achava antes.

Moderador: Por que ele achava que o povo tinha que morrer?

Anne: Porque na cabeça do Hitler achava que o povo não estava sendo fiel.

Laura: O que chamou a atenção foi a morte de Hitler mesmo, dele ter se matado. Porque ele era tão poderoso, e acabar tendo que se matar [...]. Porque ele foi fraco, viu que estava perdendo lá e não quis continuar mais.

Sophia: Onde o orgulho leva a pessoa não é, porque ele preferiu se matar do que se render, e ainda fez a cabeça dos outros falando não, não vamos nos render.

XIV CONGRESSO INTERNACIONAL DAS JORNADAS DE EDUCAÇÃO HISTÓRICA

EDUCAÇÃO HISTÓRICA: DEBATES CONTEMPORÂNEOS

Moderador: Vocês viram que em um momento ele disse “vocês façam o que quiserem”, e mesmo assim muitas pessoas continuaram esperando a opinião dele. Por que será?

Anne: Idolatria.

Laura: As pessoas achavam que ele era o líder, no começo as tropas eram tudo organizadas, todo mundo lá, depois que estavam perdendo ele falou ah, não quero mais.

Mr. Roberto: As pessoas tinham fé nele, era só um momento que ele estava passando por aquela crise, mas acreditavam que ele iria dar a volta por cima.

Se nas discussões após o filme “O triunfo da vontade” a tendência foi aceitar a ideia de que os líderes nazistas, especialmente Hitler, manipulavam os cidadãos e os iludiam, fazendo-os cair na “armadilha” do nazismo. A partir da discussão sobre o segundo filme já se nota uma relativização dessa concepção, e a noção de que havia certa **reciprocidade** entre os líderes e o povo. Mesmo assim, a figura de Hitler como mentor, líder e personagem chave de todas as ações não deixa de aparecer em destaque.

TABELA 02 – AUMENTO DAS EXPERIÊNCIAS A PARTIR DO FILME “A QUEDA!”

Filme “A queda!”		
Ideias prévias	Reforço das concepções	Aumento das experiências
Trajetória condenável e protagonismo de Hitler	“Poder subiu à cabeça”	Fragilidade e decrepitude Sofreu com a decadência do regime Foi fraco ao se suicidar Culpou os alemães pela derrota Traiu suas convicções sobre a superioridade alemã Se mostrou orgulhoso
Ausência do povo alemão	Não houve	Admiração da secretária por Hitler Traídos pelo líder Mesmo traídos, confiaram até o fim Devoção por Hitler Confiança nos ideias nazistas
Nazismo como maldade	Não houve	Experiência de sofrimento

FONTE: “Estudo Final”, Acervo do pesquisador (SOUZA, 2014).

XIV CONGRESSO INTERNACIONAL DAS JORNADAS DE EDUCAÇÃO HISTÓRICA

EDUCAÇÃO HISTÓRICA: DEBATES CONTEMPORÂNEOS

A retomada dos três temas anteriormente destacados, como é possível observar na tabela acima, revela que há um aumento das experiências por parte dos sujeitos da pesquisa. Enquanto anteriormente Hitler foi visto como uma liderança admirável, agora houve um descrédito para com a sua figura, retomando o padrão de maldade com o qual sua trajetória era identificada. Mas, agora, com uma sofisticação dos argumentos e das considerações, especialmente pela concepção de que “o poder subiu à cabeça”.

O entendimento do protagonismo de Hitler como personagem histórica do nazismo foi mantido intacto. Contudo sua identificação como ícone de maldade foi relativizada, primeiramente com a contraposição a essa ideia, a partir do primeiro filme, em seguida, a partir do segundo filme, com a retomada dessa ideia a partir de uma justificativa histórica: as pressões da guerra, a derrota e o descontrole com o excesso de poder, teriam levado Hitler a agir com fraqueza, tomando decisões contraditórias e traindo seu povo, ou seja, a maldade não é mais vista como natural da personalidade de Hitler, mas como resultado de uma história de pressões e derrotas.

Outra mudança de padrão importante foi a ideia de que o nazismo não era só maldade. No primeiro filme, os jovens ressaltaram a concepção de que o regime tinha um conjunto de valores partilhados pela comunidade, e que era um exemplo de organização política. E no segundo, essa mudança de padrão se reforçou com a noção de que os nazistas também sofreram com a guerra e foram vitimados pela história.

Por fim, a constatação da presença do povo alemão na história representou um aumento relevante das experiências históricas dos sujeitos. Se nas ideias prévias ela sequer era mencionada, no primeiro filme os alemães foram entendidos como sujeitos dominados ou iludidos pela ideologia dominante. Contudo após o segundo filme os jovens passaram a considerar a possibilidade de o povo alemão ter sido agente importante dessa história, pois partilhavam os valores da ideologia e sustentaram até o fim o poder do líder.

XIV CONGRESSO INTERNACIONAL DAS JORNADAS DE EDUCAÇÃO HISTÓRICA

EDUCAÇÃO HISTÓRICA: DEBATES CONTEMPORÂNEOS

Dessa forma, é possível retomar a análise dos três temas que direcionam a leitura que os jovens fizeram sobre os filmes: **1. Heroísmo** – Ações de Hitler continuam sendo decisivas; **2. Participação coletiva** – o povo alemão garantia a manutenção do regime; **3. Conceito de maldade** – pode ser entendido pelas vias da reação ao sofrimento e da crença em valores e ideais próprios. Esses temas revelam operações complexas da consciência histórica, e podem ajudar, a partir de outros estudos mais aprofundados, a pensar na forma como os jovens se relacionam com a história e constroem padrões de interpretação histórica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente texto a busca foi por ressaltar duas importantes constatações da pesquisa desenvolvida: 1. A aprendizagem histórica a partir dos filmes não se faz de forma direta, pois é interpelada pelos fatores subjetivos referentes à cultura histórica partilhada e à mobilização das protonarrativas da consciência histórica dos sujeitos; 2. Aprender história é um exercício de cognição complexo, que consiste no aumento das experiências históricas, e não simplesmente na assimilação das mensagens contidas numa narrativa.

As duas constatações acima definidas são referências básicas para o campo da Educação Histórica, uma vez que a busca por categorias de análise, que permitam compreender a forma como a aprendizagem histórica é mobilizada, exige essas conexões entre os referenciais teóricos e a análise dos dados empíricos. Elas possibilitam também à área do ensino de história tematizar as experiências dos sujeitos como fundamento para a definição de metas, diretrizes e conteúdos de ensino.

Enfim, os pontos de vista que os sujeitos constroem acerca da história, não dependem somente da forma como se ensina, mas sim dos quadros de referência cultural e subjetiva daqueles que aprendem. Ter em conta esses fatores possibilita entender como, muitas vezes, aquilo que é ensinado não é aprendido, e o que é aprendido não é exatamente o que foi ensinado.

As limitações desse texto não dão conta de retratar todo o quadro da pesquisa em sua complexidade. Mas creio que o ponto teórico acima foi devidamente esclarecido, e que a análise

XIV CONGRESSO INTERNACIONAL DAS JORNADAS DE EDUCAÇÃO HISTÓRICA

EDUCAÇÃO HISTÓRICA: DEBATES CONTEMPORÂNEOS

dos dados permite reflexões sobre a forma como a história pode ser aprendida de forma complexa a partir do trabalho com filmes.

REFERÊNCIAS

ASHBY, Rosalyn. Desenvolvendo um conceito de evidência histórica: as ideias dos estudantes sobre testar afirmações factuais singulares. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; GARCIA, Tânia Braga (Org.). *Educar em Revista*. Curitiba, UFPR, p. 151-170, ago. 2006. Especial.

FRONZA, Marcelo. *A intersubjetividade e a verdade na aprendizagem histórica de jovens estudantes a partir das histórias em quadrinhos*. Tese de Doutorado, PPGE-UFPR, Curitiba, 2012.

LEE, Peter; ASHBY, Rosalyn. Progression in historical understanding among students Ages 7-14. *Paper Presented at the Annual Meeting of the British Education Research Association*, Liverpool, England, septemper 11, 1993.

LEE, Peter. Em direção a um conceito de literacia histórica. *Educar em Revista*. Curitiba, Brasil, p. 131-150, 2006. Especial.

_____. Por que aprender história?. *Educar em Revista*. Curitiba, Brasil, n. 42, p. 19-42, out./dez. 2011.

RÜSEN, Jörn. Que es la cultura historica?: reflexiones sobre una nueva manera de abordar la historia. Tradução de: SÁNCHEZ COSTA, F.; SCHUMACHER, Ib. Original In: FÜSSMANN, K.; GRÜTTER, H. T.; RÜSEN, J. (Eds.). *Historische faszination. geschichtskultur heute*. 1994, p. 3-26.

_____. *História viva. Teoria da história III: formas e funções do conhecimento histórico*. Tradução de: MARTINS, Estevão Rezende. Brasília: Ed. UNB, 2007.

_____. Esboço de uma teoria da aprendizagem histórica. In: *Aprendizagem histórica: fundamentos e paradigmas*. Curitiba: W. A. Editores, 2012.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel. *Aprender história: perspectivas da educação histórica*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2009.

SOUZA, Éder C. *Cinema e Educação Histórica: Jovens e sua relação com a história em filmes*. Tese de Doutorado em Educação. PPGE, UFPR, Curitiba, 2014.